

Cidades e Práticas Urbanas: antropologias nas cidades em grafias literárias

Cristina Maria da SILVA
Professora Adjunta
Departamento de Ciências Sociais- UFC.

Resumo: Esta é uma pesquisa de pós-doutorado em Antropologia Social que busca compreender experiências na cidade através da literatura contemporânea. Lendo Luiz Ruffato, João Gilberto Noll, Fernando Bonassi, Bernardo Carvalho, Joca Reiners Terron, Férrez e Marcelino Freire, é possível compreender o esboço das cidades, as experiências e as práticas urbanas. Em suas narrativas esses escritores tomam muito das ruas, de suas trajetórias e viagens. Suas escritas são cercadas por aflições urbanas. Na literatura, como indica Foucault, está o lugar onde nossa cultura operou algumas escolhas originais, nela vemos uma reconfiguração dos signos da realidade recompondo as contingências do social.
Palavras-Chave: Etnografia Ficcional, Cidades, Práticas Urbanas.

A literatura não diz nada aos seres humanos satisfeitos com seu destino, de todo contentes com o modo como vivem a vida. A literatura é alimento dos espíritos indóceis e propagadora da inconformidade.

Vargas Llosa, 2009.

Este trabalho se situa entre campos interdisciplinares ou transdisciplinares, num entrecruzamento com a literatura. Esta é um campo de pesquisa, no qual o desafio é olhar para as narrativas literárias que se esboçam e suas múltiplas faces, que têm desfeito os cânones literários em suas divisões nítidas de gênero, e fazem-nos pensar nas próprias formas de conhecimento e nas demarcações rígidas sobre os lugares de produção do saberes. Essas narrativas se constituem sem ter necessariamente uma “identidade”, como se isso já não fosse mais possível ou esperado.

Esses escritores se entrelaçam nas narrativas, nos contextos nos quais elas se inscrevem. Mas diferentemente de outros tempos do cenário literário brasileiro não se tenha, talvez ainda, mas nem sei se temos necessidade disso, como pensá-las em termos de grupos, escolas, geração falando e criando literatura. Existem antes aproximações pelas marcas da própria constituição social e histórica. Essas narrativas e esses escritores se entrelaçam, relacionam-se, mas menos por uma configuração objetiva e mais pela matéria sob a qual se debruçam.

Diante do “campo literário” encontrado, percebi que estas narrativas não surgem sozinhas no cenário literário, outros escritores a propiciaram e são muitos os embates que as tornam possíveis. Essas narrativas tomam várias formas, por isso as chamo de narrativas de/ nas socialidades, ou seja, são gestadas no conflito, vivem por meio dele, são entremeadas em seus fios e rastros. Seus escritores estão *nas* cidades, suas experiências são gestadas nas experiências que eles vivenciam, observam ou imaginam.

Sendo assim, passei a pensar esses múltiplos jogos de alteridades da sociedade contemporânea nos escritores aqui relatados. Entretanto, não buscando uma maneira de tentar abranger a totalidade dessas narrativas, mas acompanhar partes de seus movimentos, do que apontam, como exercício de pensamento e reflexão.

Trabalho Apresentado na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 02 e 05 de Julho de 2012, em São Paulo, SP, Brasil.

Entre fronteiras, travessias e conversações, podemos perguntar: O que seria um autor para a antropologia, o mesmo que um narrador para a literatura? Talvez não o mesmo, mas ambos enfrentam os embates do narrar, acionando sentidos e multiplicidades. Trilham de certo modo os embates entre o real e a ficção, e entrar no texto, no cenário da escrita, talvez seja tão difícil quanto entrar nos códigos de uma cultura.

O etnógrafo recria mundos no texto, que não deixam de ser atravessados por suas inscrições, percepções e interpretações diante do que é observado. A escritura literária capta a trama social recombina seus sentidos. Não apenas imita a realidade vista, mas decompõe suas estruturas de organização, mostra a realidade vivida como arbitrária, contingente, recombina seus signos. Faz-nos ver múltiplas perspectivas onde se enxerga finitude e determinação.

Saindo desse binômio, autor-narrador, que pouco esclarece podemos pensar que quando lidamos com literatura, estamos lidando com o informe, com o inacabado. No caso da literatura já nos esclareceu Michel Foucault, estamos lidando com o avesso, com uma nova disposição dos signos que nos faz perceber como a realidade social e culturalmente criada é contingente, mutável e criada antes de tudo por mãos e significações humanas.

A literatura é apenas a reconfiguração, vertical, de signos que são dados na sociedade, na cultura, em camadas separadas. A literatura não se constitui a partir do silêncio. A literatura não é o inefável de um silêncio, a efusão daquilo que não pode ser dito e que jamais se dirá. A literatura, na realidade, só existe na medida em que não se deixou de falar, de fazer circular signos. É porque existem signos em torno dela, é porque ela fala, que algo como um literato pode falar. (FOUCAULT, 2001, p.166-167).

As palavras são compartilhadas na literatura para exprimir não um sentimento único e nem mesmo para denunciar ou ser testemunha diante do que quer que seja. As narrativas desse tempo que tentamos ainda compreender. Revelam o esgarçar de uma ordem social, desmontam os grandes discursos e desvelam sua fragilidade para sustentar os sujeitos sociais em seus enredos e tramas em sociedade. Esboçam as cidades em seus fragmentos de ações, nos rastros e passos de seus personagens e não num território no qual se sintam protegidos e amparados. São grafias múltiplas que se dão em seus livros, nos seus movimentos em blogs, vídeos, eventos. Escritores andarilhos por cidades, experiências vividas e observadas. Trata-se de uma escrita literária movediça diante da qual a cidade e suas tramas se constituem tanto quanto os escritores.

As cidades esboçadas num romance ou em narrativas sejam quais forem as suas formas, “são imaginárias.” Para Ronaldo Fernandes “é na cidade e por causa da cidade que o romance aparece, floresce e se modifica.” (FERNANDES, 2000, p.30; 19). No romance a cidade aflora para falar das fisionomias individuais que estão atrás da realidade que se constrói num “mundo onde o valor de troca se impõe, o trabalho se aliena, a produção em série se acelera e os choques sociais se

Trabalho Apresentado na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 02 e 05 de Julho de 2012, em São Paulo, SP, Brasil.

aguçam.” (FERNANDES, 2000, p. 35). A escrita literária é a expressão dos conflitos humanos, elas são portas e pontes de acesso a outras formas possíveis de vida e de subjetividades.

Problematiza-se que as narrativas contemporâneas, aqui tratadas, são essencialmente urbanas. “O espaço da narrativa literária brasileira atual é essencialmente urbano, ou melhor, é a grande cidade, deixando para trás tanto o mundo rural quanto os vilarejos interioranos”. Regina Dalcastagnè fala de “sombras da cidade no espaço da narrativa brasileira contemporânea”, traçando um “mapa de deslocamentos.” Ou seja, não se trata de desaparecimento das cidades, mas delas envoltas em sombras, incertezas, dúvidas. As cidades são símbolos das sociabilidades e socialidades, agregam o diverso, propiciam a convivência, mas também são portadoras de conflitos e confusões. São “cidades literárias (...) feitas de muitas ausências.” (DALCASTAGNÈ, 2003, p. 12- 13; 24;16). A cidade que começa a ser delineada, de modo esparso e fragmentado nesses romances e múltiplas narrativas só podem se erguer de fato durante o processo de leitura. Daí a impossibilidade de um mapeamento efetivo do espaço urbano no texto literário. Seria como mapear o olho de quem vê. Na crítica literária, essa questão localização do texto na tessitura urbana aparece polarizada ora como uma “ausência das cidades” ou mesmo sob a égide da ideia de “crise” das cidades. No entanto, cabe pensar se essas narrativas não tentam de fato capturar ou são atingidas pela ideia de que as cidades são, sobretudo, invisíveis, compostas por lados avessos também, por socialidades e não somente por projetos, leis e convenções.¹ Claro, que as cidades do romance são imaginárias. Assim como todas as múltiplas formas que assume as narrativas literárias contemporâneas. Elas são uma maneira de ler fragmentos de mapas, ou melhor, de croquis, da cidade, um modo de construir sentidos pelos estilhaços do urbano. Elas são muitas, pois muitos são os conflitos e os embates enfrentados pelo escritor e sua matéria-prima: a experiência humana. Diante dessa literatura, que nos põe diante de outras “geografias narrativas”, cabe lembrar das palavras de Benjamin sobre a obra literária:

Esta não pode ser compreendida se não se ultrapassar a simples funcionalidade. Assim, diz ele, ao observar uma fogueira acesa podemos ater-nos à lenha que arde, e à cinza resultante, mas numa perspectiva mais profunda, a do alquimista, acrescenta ele, “é a própria chama que permanece um enigma, isto é, o que está vivo.” (Benjamin apud MAFFESOLI, 1998, p. 59).

Alguns dos escritores aqui relatados participaram do projeto chamado *Amores Expressos*, em 2007, no qual cada escritor viajou para uma cidade diferente e produziu um trabalho a partir da experiência vivida naquela cidade. Esses autores são: Adriana Lisboa (Paris), Daniel Galera (Buenos Aires), André de Leones (São Paulo), Lourenço Mutarelli (Nova York), João Paulo Cuenca

¹ Sobre a questão das e nas cidades, tive o suporte teórico do curso ministrado pela profa. Suely Kofes. Antropologia nas Cidades. 2007.2, no IFCH - Unicamp. Abordo essas questões em minha tese de doutorado, mas detidamente me debruço sobre estas questões em minha pesquisa de pós-doutorado: pesquisa de pós-doutorado Etnografia de Narrativas: As experiências na cidade da literatura contemporânea.

Trabalho Apresentado na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 02 e 05 de Julho de 2012, em São Paulo, SP, Brasil.

(Tóquio), Joca Reiners Terron (Cairo), Cecília Giannetti (Berlim), Sérgio Sant'Anna (Praga), Reinaldo Moraes (Cidade do México), Paulo Scott (Sidney), Antônia Pellegrino (Bombaim), Daniel Pellizzari (Dublim), Bernardo Carvalho (São Petersbugo), Antonio Prata (Xangai), Chico Mattoso (Havana), Amilcar Bettega (Istambul) e Luiz Ruffato (Lisboa).

A procura pela cidade como cenário das narrativas não é nova, mas a cidade contemporânea talvez não congregue mais o sentido da cidade que origina o romance. A cidade no romance substitui a natureza como elemento fundamental da narrativa. Ela passa a ser cenário, determinará o comportamento dos personagens. (FERNANDES, 2000, p.19). As tramas contemporâneas nas cidades agregam o conflito, a própria concepção de cidade é conflituosa, paradoxal, pois se antes do projeto cidade era visto como o lugar do progresso e das conquistas modernas, hoje ela é vista como lugar de crise desses ideários, sobretudo, porque eles se atrelaram muito mais a uma utopia do que o sentido metafórico do urbano. Michel de Certeau insinua que devemos olhar para as retóricas ambulatórias, aquilo que faz andar, isto nos faria ver as práticas microbianas de como as cidades se dão por passos, mais do que por projetos arquitetônicos e administrativos.

Se é verdade que as florestas de gestos manifestam, então sua caminhada não poderia ser detida num quadro, nem o sentido dos seus movimentos circunscritos num texto. A sua transumância retórica traz e leva os sentidos próprios analíticos e coerentes do urbanismo: é uma “errância do semântico”, produzida pelas massas que fazem desaparecer a cidade em certas regiões, exageram-na em outras, distorcem-na, fragmentam e alteram sua ordem no entanto imóvel. (CERTEAU, 2009, p.169).

As narrativas literárias folheiam as páginas das cidades, suas alteridades e experiências, mas não a de uma cidade utópica, mas de cidades e suas práticas urbanas, contraditórias, conflituosas, territórios da condição humana.

A cidade do romance, mas as cidades literárias em seus múltiplos gêneros são imaginárias, são recortes, imagens nem sempre reais, não caracterizam necessariamente lugares, mas experiências. Ruas, esquinas, becos, imagens, lugares da memória que delineiam com grafias múltiplas os embates entre os indivíduos e a sociedade, antes de tudo o que prevalece é “o lugar onde ocorrem as paixões humanas.” (FERNANDES, 2000, p. 30).

Luiz Ruffato (1961- Cataguases-MG)

O escritor Luiz Ruffato, tem uma intensa circulação no meio literário, e publicou vários de seus textos em antologias, ou reorganizou em outros livros. Carmem Pardo observou em seu artigo que Luiz Ruffato em São Paulo apresenta um “capital simbólico”, certamente de contatos, influências, na medida em que juntamente com outros escritores, como Nelson de Oliveira e Marcelino Freire,

compartilham um “espaço de inquietudes” na cidade de São Paulo, através de projetos comuns. (VILLARINO, 2007, p.173).

A minha história com a literatura começa com uma novela que passava, que chamava-se O Feijão e o Sonho, eu era um moleque, não me lembro quantos anos eu tinha, mas eu acredito que isso deva ser década de 70, e todas as pessoas quando perguntavam para mim o que eu queria ser na vida, eu dizia que eu queria ser escritor. E a minha mãe chorava de infelicidade, porque essa novela mostrava exatamente a dificuldade de um escritor de ganhar o seu feijão, então primeiro eu fui procurar o feijão. Eu busquei trabalhar e deixar o sonho um pouco de lado. Em momento algum eu tinha dúvida em relação a isso, que eu queria ser escritor. (RUFFATO, 2004).

O autor em questão ganha bastante visibilidade como escritor com *Eles eram muitos cavalos* (2001), no qual narra um dia na cidade de São Paulo. São pedaços da cidade nas novenas de Santo Expedito, em favor das causas impossíveis, conversas dentro de um táxi, mesas de bar. A cidade sendo entrecortada pelas experiências de seus sujeitos, composta pelas rotas de suas subjetividades e seus lugares de passagem.

Outro trabalho que marca e destaca o escritor é a série organizada com o nome *Inferno Provisório*: “Mamma, son tanto felice” (2005), “O mundo inimigo” (2005), Vista Parcial da Noite” (2006) e O Livro das Impossibilidades (2008) e “Domingos Sem Deus” (2011). Publicou em 2009, pelo Projeto Amores Expressos “Estive em Lisboa e Lembrei de Você.”

Através de *Inferno Provisório*, o autor busca construir um personagem na literatura brasileira que a seu ver não existe: o operário. A proposta é compreender o Brasil a partir da década de 1950, sob o ponto de vista da classe operária, através do gênero romance. Os traços da imigração italiana e das migrações também estão presentes, não deixando de tocar no tema da língua e suas relações entre um próprio e o outro, com os embates da alteridade. Esses personagens presentes em sua memória são recuperados e transformados em personagens literários.

Em Luiz Ruffato estão presentes os traços de uma “sociedade em agonia”, uma cidade em frangalhos, permeada de migrações e memórias que percorrem o tecido do vivido. Na escrita evidenciam-se antagonismos presentes nas relações entre o “eu” e “outro” ou entre “eles” e um “nós”, alteridades irremediavelmente trincadas. Os espaços, tempos e trajetos dos protagonistas de Ruffato, são o da migração e do desencantamento. Os espaços que suas narrativas tratam são de fronteiras entre o mundo rural e urbano. Num entrecruzamento de tempos, velozes e fugazes como o das metrópoles e o lento e compassado movimento da memória das cidades interioranas deixadas no passado na migração dos personagens: Rodeiro e Cataguases. O espaço urbano é contornado por imaginários do rural de sonhos desfeitos, de laços familiares, de desejos não realizados e amores impossíveis.

Trabalho Apresentado na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 02 e 05 de Julho de 2012, em São Paulo, SP, Brasil.

Se há algo que caracteriza esta literatura contemporânea é a urbanidade. Nós nunca tivemos uma literatura que fosse tão preponderantemente urbana. E por ser urbana, exatamente por ser urbana as várias linhagens da urbanidade, elas são discutidas hoje. O que caracteriza a nossa literatura além da urbanidade é ela não ter uma característica própria. Ela não tem um caminho só. A diversidade é o que caracteriza.

(RUFFATO, 2004).

Em Ruffato o tempo é também lento, acionado por memórias e lembranças dos lugares de origem. Os cenários de seus personagens são também as ruas de São Paulo, na estrada, nas cidades de Rodeiro, Cataguases, nas metrópoles para onde os migrantes partiram em busca de um “futuro melhor” e no “beco do Zé Pinto”, ali um “microcosmos da vida operária” (RUFFATO, 2009)² que ele tenta narrar. Na literatura de Ruffato, está presente não só a questão das cidades, mas o fracasso de um projeto de modernização, de uma concepção de progresso. Em sua “paulicéia para lá de desvairada” (LAJOLO, 2007, p. 102), perpassada de imagens, de trechos aparentemente desconexos, de vozes múltiplas” a cidade se monta em camadas urbanas, polifônicas e ambivalentes como a metáfora do “romance-cebola” de Ruffato, estruturada por acúmulos de vivências, antes de tudo do olhar do escritor. (Ruffato apud HARRISSON, 2007, p. 11). A referência à metáfora da cebola, também pode ser uma alusão à própria imagem da cidade que se metamorfoseia durante o dia, oscilando entre o frio, a chuva e o calor, fazendo com que seus habitantes estejam sempre preparados para acompanhar essas oscilações climáticas que afetam o próprio desencadeamento do cotidiano da cidade.

Eu queria que a precariedade de São Paulo fosse a precariedade da forma do romance. (...)Por exemplo, a insistência da construção de capítulos estanques, que significariam a precariedade, a falta de permeabilidade das relações sociais. A precariedade das falas das pessoas, que não conseguem se comunicar, porque a comunicação é efêmera em São Paulo. A precariedade da arquitetura da cidade, a precariedade da arquitetura do romance, a precariedade do próprio espaço urbano. Quando o livro saiu e foi entendido como romance, eu me senti à vontade para retomar o meu projeto. Foi um encontro meu com a recepção da obra.³

Ruffato caminha pelas ruas da cidade, em suas andanças busca a matéria-prima para compor seus personagens vindos da memória, mas também compostos pelas subjetividades colhidas pelas ruas e suas observações das paisagens nas cidades. Caminha como se fosse o personagem para dar concretude àquilo que escreve.

Eu não sei dirigir. Nunca aprendi a dirigir, não tenho interesse em dirigir. Em São Paulo eu ando muito, ando de ônibus, ando de metrô, ando a pé e eu penso que eu conheço razoavelmente bem São Paulo por conta disso. E em todos os lugares, em todas as cidades que eu vou, eu faço questão disso. Eu tô sempre caminhando, eu tô sempre vendo, observando porque é o meu trabalho mesmo quando eu não estou

² RUFFATO, Luiz. Entrevista por Edney Silvestre. *Programa Espaço Aberto*. Globo News. 20. fev. 2009, 21h30.

³ RUFFATO, Luiz. Entrevista exclusiva a Heloisa Buarque de Hollanda e Ana Lúcia Matos. *Literatura como um projeto*. Ano III, Número 1.10/03/2006.

Disponível em: <http://www.pacc.ufrj.br/z/ano3/01/entrevista.htm>

Trabalho Apresentado na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 02 e 05 de Julho de 2012, em São Paulo, SP, Brasil.

trabalhando efetivamente. Mas essas peculiaridades, os cheiros, a luz, as pessoas, enfim, tudo o que faz parte do universo da cidade me interessa. (...) eu não ando com máquina fotográfica nem nada, porque eu tenho certeza de que quando eu estiver morrendo e eu quiser me lembrar de algum lugar se eu tivesse um foto eu veria a foto, mas como eu não tenho foto, eu me lembro da cidade pelo o que ela é, pelos cheiros dela. (...) as pessoas, as vozes, as línguas. Eu tenho uma boa memória, então os lugares onde eu passo eu faço muito essa coisa de ser anônimo. (RUFFATO, 2011).

João Gilberto Noll (1946 - Porto Alegre-RS)

Para Noll o cenário de seus protagonistas “são as ruas” (NOLL, 2006, p. 19; 21), ou seja, o que está fora do espaço doméstico, familiar. Seus personagens são escritores desejando viver fora das páginas de suas obras, atores em crise, diretores de teatro, mendigos, andarilhos, passeantes, retirantes, seres anônimos que seguem entre “instantes ficcionais” compondo sua existência diante de fracassos, da solidão e da sensação dos limites do corpo e de sua deterioração. Vivem “rudimentos de ilusões” (NOLL, 1989c, p. 30) em territórios desconhecidos seja do Rio de Janeiro, Porto Alegre, Florianópolis, interior de Mato Grosso, ou Londres, como em *Lorde*, Califórnia e Itália, como em *Berkeley em Bellagio*. As cidades se montam numa “geografia rarefeita”, ou seja, são imagens que captam vivências entrecortadas por movimentos descontínuos e com falhas na memória dos protagonistas que por elas circulam. As cidades como os corpos estão fadados a exaustão.

Essa “geografia rarefeita”, falada em *Rastros do Verão*: “não é decorrente apenas da pura percepção do espaço, mas também da experiência do tempo, que, vivido fragmentariamente, não permite ao narrador a apreensão da continuidade do percurso.” (OTSUKA, 2001, p.101). Em *A Fúria do Corpo*, o protagonista percebe que um dia quando viu o cais de uma pequena cidade, olhou para as embarcações e descobriu que o homem nascera para partir e checar novas geografias. (OTSUKA, 2001, p.297).

As narrativas esboçam encontros com homens, mulheres, garotos, seres anônimos, muitas vezes, mas que passam pela narrativa e pouco se fica sabendo sobre suas vidas. Há somente imprecisões de seres avulsos que caminham como que em labirintite à “céu aberto” na inscrição de suas experiências humanas. São nas palavras de Noll “utopias ambulantes” lutando contra as mortificações da vida. Carregando “frangalhos do passaporte no bolso, sem ter país para ir, endereço para dar.” (NOLL, 2003, p. 120). Seus personagens têm consciência da vida e suas agruras: “Os personagens sem dados biográficos, meus protagonistas, são seres caminhando nesse sentido. Sabem que viver é prazeroso, mas difícil.”⁴ Os narradores-personagens são andarilhos, caminham atabalhoados, a esmo, “sem documentos nem língua nem memória”, um “amontoado de

⁴ NOLL, João Gilberto. ‘Lorde’, a plástica espiritual de Noll, s/d. documento disponível online.

Trabalho Apresentado na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 02 e 05 de Julho de 2012, em São Paulo, SP, Brasil.

carne sem nome, destino ou moradia.” (NOLL, 2004, p. 33). Mesmo assim, Noll afirma: “não me sinto condoído com a miséria dos meus personagens. Me sinto mais cúmplice deles, tomado por eles.” (Noll apud MAGALHÃES, 1993, p. 280). O narrador revela alterbiografias de um extravio ou um organismo humano já geneticamente extraviado em si:

Os lapsos condenam. A mim, me salvam. Outro dia olhe um com toda a paciência. Somos parecidos: a ambos faltam partes, e onde a lacuna é norma, em nós pode saltar uma forma esdrúxula, um réquiem ornado de idílios, um troco assim ou, talvez assado. (...) ambos nascemos de uma abrupta desregulagem. Só ganhamos porque botamos tudo a perder. Miramo-nos como gêmeos sobranceiros: sem a herança da paternidade, vértice impensável, memórias de uma genética extraviada. (NOLL, 2003, p. 159).

Fernando Bonassi (1962 - São Paulo)

Fernando Bonassi (1962) da Moóca, zona leste de São Paulo, tradicional bairro operário, é escritor, jornalista, roteirista, cineasta, de vários filmes de curta e longa metragem. Através do seu trabalho jornalístico se faz presente na sua obra na medida em que ao exercer seu ofício dá tratamento literário aos fatos cotidianos, de certa maneira. Ao escrever em sua coluna na Folha de São Paulo, no Caderno Ilustrada, quinzenalmente tem como meta fazer com que:

o cidadão paulistano identifique-se com as histórias e os personagens no que eles têm em comum com a experiência geral da cidade. Trata-se não apenas de fazer ficção da realidade, mas de revelar o mundo simbólico que está por trás de nossas maneiras de agir⁵.

Bonassi, em sua prática literária, colhe “história na rua”, narra violências da vida social, seja a praticada por policiais ou mesmo a provocada pelos embates dos sujeitos diante dos insustentáveis pesos sociais. Numa matéria publicada em *O Globo*, há uma leitura da “dimensão política” no trabalho de Fernando Bonassi, feita pelo escritor anteriormente apontado: Luiz Ruffato. Este aponta as narrativas de Bonassi como uma referência para entendermos o Brasil contemporâneo, visto que seu trabalho dialoga com gerações anteriores à sua e as transpõe, o que não o fixa na (geração anos 90), mas o coloca atento às preocupações de outras épocas e as ressonâncias do passado no presente e no que possa ser o futuro, sobretudo ao pensar nas marcas da Ditadura Militar.

O escritor é um raro caso de ascensão social pelo talento. (...) Filho da classe média baixa, surgiu no panorama literário brasileiro no fim dos anos 80, com a introdução de uma temática pouco retratada nas páginas da prosa de ficção nacional: a dos que sobrevivem à margem — não os bandidos, mas os trabalhadores, essa massa disforme imprensada entre sonhos de consumo e pesadelos da realidade imediata. Geralmente rotulado como pertencente à chamada Geração 90, Bonassi antecipa e ultrapassa as preocupações que norteiam autores identificados a essa particularização. (...) Sem dúvida, Bonassi opta por um diálogo com a geração 70, que, com nomes como Ignácio de Loyola Brandão, Ivan Ângelo, Rubem Fonseca, trouxe para o centro da narrativa os

⁵ Revista Agulha. Matéria sobre Fernando Bonassi.

Trabalho Apresentado na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 02 e 05 de Julho de 2012, em São Paulo, SP, Brasil.

dramas das populações marginalizadas das grandes cidades. Mas há sua contribuição original: já não é um olhar de fora para dentro, mas de dentro para fora. Essa mudança de foco, que iria influenciar a ficção do fim da década de 90, é uma contribuição inestimável (RUFFATO, 2006)⁶.

Para Maurício Silva, a escrita de Fernando Bonassi tem as marcas de uma “narrativa minimalista”, montada numa estrutura mínima de histórias independentes, mas que se entrelaçam. Sua criação ficcional se configura tal qual um roteiro de cinema através de seus mini-contos que esboçam “identidades seqüestradas”. Seus personagens são principalmente:

PASTORES EVANGÉLICOS, meio oficiais, ajudantes, auxiliares, serventes, atletas adotados, aviões, garçons, vendedores de consórcio, vendedores de carnê, vendedores de rifa, vendedores, pamonheiros, catadores, guardadores, amoladores, operários-padrão, muambeiros, macumbeiros, ambulantes, cobradores, oradores, faladores, boateiros, aborteiros, garrafeiros, *office-boys*, putas de meio-período, balconistas de período integral, pedintes, ouvintes, coveiros, bóias frias, garçons por empreitada, cabos da PM, amigos de, filhos de, ladrões de toca-fitas, caseiros, seguranças, porteiros...(BONASSI, 1996, p. 61).

Em sua narrativa *100 Histórias Colhidas na Rua*, “espreme a memória até doer”, para não sucumbir às inúmeras violências da vida social, seja a praticada por policiais ou mesmo a provocada pelos embates dos sujeitos diante dos insustentáveis pesos sociais. Onde o narrador se debruça surge um espelho raso, que “devolve o seu rosto sem qualquer deformação que conte uma história que seja.” (BONASSI, 1990, p. 57; p.115). Não há narrativa inteira, só estilhaços da vida e das agruras humanas. Seres “carregando o seu corpo de um lado para o outro” com marcas da violência silenciosa do incesto, do estupro, dos abandonos, dos estridentes confrontos com a polícia. “A vida real gritando nos classificados”, enfim, “mais um massacre bósnio no subúrbio brasileiro”. (BONASSI, 1990, p. 55; 199; 207). Um cotidiano de “sonhos estragados”, de perdas. Enquanto que vemos a:

Névoa sobre a cidade como glaucoma: crianças suspensas; cães omissos; aeroportos fechados; congestionamentos - engarrafamentos, congestionamentos. Um inverno que entra matando mendigos de todas as idades. Ninguém chega na hora de nada. O ar gelado também demora a se transformar nos pulmões. Todo mundo está com falta de ar. (BONASSI, 1990, p. 83).

Bernardo Carvalho (Rio de Janeiro, 1960).

Bernardo Carvalho escreveu e publicou em 1993, *Aberração* (coletânea de contos); 1995 *Onze* (romance); Em 1996, *Os Bêbados e os Sonâmbulos* (romance); Em 1998, *Teatro* (romance); 1999 *As Iniciais* (romance); Em 2000 *Medo de Sade* (romance); Em 2002 *Nove Noites* (romance); Em 2003, *Mongólia*; Em 2007, *O Sol se Põe em São Paulo* e, em 2009, o *Filho da Mãe*. Em seus livros é bastante presente a questão das cidades. Em cada romance

⁶ RUFFATO, Luiz. Bonassi e a Dimensão Política da Escrita. Documento Disponível online.

essa problemática aparece de forma contundente. *Aberração* surge em Nova York quando foi correspondente da Folha de São Paulo. *Mongólia* é pautado numa viagem que fez ao Deserto de Gobi na China. *Nove Noites* é parte de um trabalho de pesquisa e narra uma investigação misteriosa sobre a morte de um antropólogo norte americano numa aldeia indígena situada no Tocantins, no Brasil. *O Sol se Põe em São Paulo* é construído entre o Japão e o Bairro da Liberdade em São Paulo- Brasil. *O Filho da Mãe* é narrado em São Petersburgo. O tempo e o espaço se transpõe na narrativa, fazendo com que a viagem do escritor, como do narrador e de seus personagens seja um deslocamento de lugares, mas de memórias e dos lugares da própria história de cada um.

O autor fez parte do Projeto *Amores Expressos* que engajou vários autores, entre eles, Luiz Ruffato, que viajaram por várias cidades para escrever romances. Viajar e Narrar estão entrelaçados em seus escritos. Desta viagem, o escritor escreveu *O Filho da Mãe*. Ele conta que no terceiro dia que estava em São Petersburgo, passaria um mês ali, sofreu uma tentativa de assalto, três sujeitos ao seu redor, fazendo uma espécie de coreografia, algo para ele “esquisitíssimo.” Um deles conseguiu se aproximar e abriu sua mochila e retirou o computador, que estava preso por uma tira na chave da mochila. Ao final, eles não chegaram a lhe roubar, mas a experiência do medo, fez com que ele ficasse “paranoico”, com medo de lhe seguissem, descobrissem onde morava.

Se para mim a experiência foi terrível, para o livro foi muito legal, por que sem ela não traria essa patologia. Os protagonistas da história são *outsiders*, tudo de um jeito estranho. Do ponto de vista do perseguido, daquele que tem que escapar. Em vez de achar a cidade bonita, comecei a ver que ela foi construída por um sistema de poder absoluto. As esplanadas são enormes, as ruas, largas, enfim, tudo é visível. Um militante da oposição, por exemplo, não tem como escapar. (CARVALHO, 2009, p.18).

Na viagem algumas coisas se desfazem entre elas a identidade. “As identidades são uma espécie de artifício para sobreviver. (...) a verdade está em algo móvel, que não é sedentário e está sempre em formação ou desconstrução.” (CARVALHO, 2009, p.18). Se você desconfia das identificações, segundo Carvalho, “qualquer que seja ela, o seu lugar no mundo fica muito mais difícil. É mais penoso avançar sem criar tribos. Isso me interessa, a vulnerabilidade e o lugar do “um sozinho”, no mundo.” (CARVALHO, 2009, p. 18).

Joca Reiners Terron (1968-Mato Grosso-MS)

Joca Terron (1968), de Cuiabá, Mato Grosso, tem sua experiência literária entre suas origens e a vida em São Paulo. Escreveu o romance *Não Há nada Lá* em (2001), a novela *Hotel Hell* (2003), escrito inicialmente em um *blog*, e publicado pela Editora Livros do Mal, de Porto Alegre; o livro de contos *Curva de Rio Sujo* em 2003, pela Editora Planeta do Brasil, livro publicado em Lisboa - Portugal com o mesmo título em 2005 pela Editora Palavra. Organizou o livro de contos *Antologia*

Bêbada em 2004 pela Ciência do Acidente e *Sonho Interrompido por Guillhotina* em 2006, no Rio de Janeiro pela Editora Casa da Palavra.

Terron, abre o seu livro *Hotel Hell*, com uma epígrafe de Shakespeare, “Nosso tempo está desnorreado, maldita a sina que me fez nascer um dia para consertá-lo”. e a retomada dela pode levar a pergunta, haverá conserto? É desse paradoxo que se nutre a literatura contemporânea (como as próprias ciências sociais, talvez). É diante de certa “impossibilidade de solução” que a literatura contemporânea, partindo entre as décadas de 70, 80 e “Geração 90” se alimenta. Ela não quer responder, solucionar ou fixar nada, pois é bem possível que haja pouco ou praticamente nada para fixar.

Joca Terron, (1968) em *Hotel Hell*, fala de “um lugar onde existe de tudo”, no qual personagens de todos os tipos aparecerem. É uma metáfora das grandes cidades e das histórias que nelas se abrigam, das mais reais às mais absurdas e fantásticas. Histórias que se reúnem sem muito desenvolvimento, pois “nada se desenvolve propriamente”. O Hotel é uma referência à cidade de São Paulo. Segundo o próprio escritor: “enxergo o livro como um romance desmontável. São 60 fragmentos que se sustentam sozinho. Minicontos. “Hotel Hell” é uma tentativa de traduzir por meio de mitos urbanos o absurdo de São Paulo”. (TERRON, 2003).⁷

O grande personagem é a cidade de São Paulo, uma cidade inebriante e enlouquecida, na qual a realidade parece se movimentar em círculos cada vez mais acelerados, nos quais a metrópole escava o próprio túmulo. A São Paulo de Joca Terron é uma montanha-russa fora de controle. Nessa pane, tudo se repete, de início ao fim temos uma grande e agitada experiência, que faz muito barulho, mas só oferece desconforto e insegurança, e retorna sempre ao mesmo lugar. (CASTELLO, 2003).⁸

Aparece um entrelaçamento de histórias e de vivências, nos quais:

Todos os personagens são falsos, ou artificiais. A novela é narrada por múltiplas vozes, mas elas pertencem também a personagens temáticos, de modo que estão desprovidas de qualquer seriedade e evocam sempre um mesmo estado _ o do artifício. É um mundo de miragens, de ilusões sem conteúdo, e que abriga personagens sem rosto. (CASTELLO, 2003).

Em seu trabalho, *Curva de Rio Sujo* aparecem uma das marcas dessas narrativas literárias de lidar com esquecimentos, que são como rasuras da memória social, ou como essa memória funciona como uma “curva de rio sujo”, ou como Terron afirma num outro momento: “preencho os espaços, mas o resultado é sempre o mesmo”. O narrador revela, de certa maneira, um extravio: “escreve para esquecer”, e considera que “esquecer é uma função da memória tão importante quanto recordar”. (TERRON, 2003, p. 9).

⁷ TERRON, Joca Reiners. Clipagem. Joca Reiners Terron arromba as portas do nefasto “Hotel Hell”. Conversa com a Folha. Documento Disponível online.

⁸ Clipagem. No Mínimo. Por José Castello. 10 de Jun. 2003. Documento Disponível online.

Trabalho Apresentado na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 02 e 05 de Julho de 2012, em São Paulo, SP, Brasil.

Isto nos revela um dos traços da socialidade: suspender o instituído socialmente, apagá-lo, ou mesmo contar fazendo escolhas entre o que foi vivido. O ser humano aparece como uma “construção abandonada”, inacabada, incompleta (TERRON, 2003, p. 71). Será que o sujeito, para se reinscrever diante da vida social, não precisaria esquecer o que nele a vida social tenta impregnar? Rasurar as sociabilidades com as socialidades? Talvez seja relevante pensar que em “redor do continente da memória, as ilhas e as penínsulas do esquecimento sempre existiram”. (GAGNEBIN, 1999, p. 4). Como aparece em um dos comentários sobre o referido autor, é possível ver que:

Escritores como Terron não estão preocupados nem com a repetição, nem com a renovação, questões estéticas que passam a léguas de distância de seu computador. O que buscam, sem se importar muito com a qualidade dos meios, é expressar a confusão de seu tempo. (CASTELLO, 2003).

Férrez (1975 - São Paulo)

Férrez é Reginaldo Ferreira da Silva, mas adotou o nome Férrez, como nome literário. Nome que faz uma junção de Virgulino Ferreira (Ferre) e Zumbi dos Palmares (Z). Antes de se dedicar a escrita trabalhou como: “como balconista, vendedor de vassouras, auxiliar-geral e arquivista”. Seu primeiro livro foi *Fortaleza da Desilusão*, (1997), com patrocínio da empresa Ética Manpower, onde trabalhava. Mas, o lançamento de *Capão Pecado*, (2000) romance que narra o cotidiano violento do bairro do Capão Redondo, na periferia de São Paulo, onde vive o escritor, foi de fato o que o tornou conhecido. Publica em 2009 *Cronista de um tempo ruim*. Sua literatura é marcada por trazer essas vozes das margens ou vistas como marginais, o que vai se tornar uma terminologia para avaliar seus escritos.

Férrez (1975) traz as vozes da periferia de São Paulo, através de seu *Capão Pecado*, traz uma escrita crua do cotidiano de Capão Redondo, “uma ficção da realidade”.⁹ Um cotidiano violento de “perdas constantes e aparentemente intermináveis”. Onde os “bailes acabavam por causa de morte ou por causa dos policiais.” (FERRÉZ, 2005, p. 18; 23). Perdas instauradas desde a infância pelo tráfico, traições pela morte ou pelo trágico. Um lugar onde o povo “só se unia para falar mal dos outros, ou pra ver morto”. Difícil escapar do “holocausto, do inferno verdadeiro e diário”, ou mesmo dele se esconder. (FERRÉZ, 2005, p. 36; 53). Sentir-se preso mesmo livre, não há heróis, segue-se sem a crença na existência deles, mas “não é culpa do lugar, é da mente”. (FERRÉZ, 2005, p. 94). O narrador lembra da música do Tim Maia “ah! Se o mundo inteiro me pudesse ouvir”, parece querer com sua fala entender ou afagar a existência diante do trágico que cai sobre o seu cotidiano, e que nem mesmo as palavras conseguem traduzir ou acalantar.

⁹ Nota do autor para a edição de 2005.

Marcelino Freire (1967- Sertânia-Pernambuco).

Marcelino Freire nasceu em Sertânia - Pernambuco, em 20 de março de 1967, e vive em São Paulo desde 1991. Escreveu *Angu de Sangue* em 2000 - que traz contos com fortes traços do cotidiano de São Paulo, publicado pela Ateliê Editorial. Em um desses contos é tratada a questão do lixo e de como ele garante a sobrevivência e ao mesmo tempo a condição de exclusão em sociedade:

Lixo? Lixo serve pra tudo. A gente encontra a mobília da casa, cadeira pra pôr uns pregos e ajeitar e sentar. Lixo pra poder ter sofá, costurado, cama, colchão. Até televisão.

É a vida da gente o lixo. E por que é que agora querem tirar ele da gente? O que é que eu vou dizer pras crianças. Que não tem mais brinquedo? Que acabou o calçado? Que não tem mais história, livro, desenho?

E o meu marido, o que vai fazer, nada? Como ele vai viver sem as garrafas, sem as latas, sem as caixas? Vai perambular pela rua, roubar para comer?

E o que eu vou cozinhar agora? Onde vou procurar tomate, alho, cebola? Com que dinheiro vou fazer sopa, vou fazer caldo, vou inventar farofa?

(...) a gente não quer nada que não esteja aqui jogado, rasgado, atirado. A gente não quer outra coisa senão esse lixo para viver. Esse lixo para morrer, ser enterrado. Para criar os nossos filhos, ensinar o nosso ofício, dar de comer. (...) não, eles nunca vão tirar a gente deste lixo. Tenho fé em Deus, com a ajuda de Deus, eles nunca vão tirar a gente deste lixo. Eles dizem que sim, que vão. Mas não acredito. Eles nunca vão conseguir tirar a gente deste paraíso.

(FREIRE, 2000, p. 23-25).

Este livro foi adaptado para o teatro, pelo *Coletivo Angu de Teatro* e encenado no dia 03 de maio de 2007, em São Paulo na II Mostra Latino-Americana de Teatro de Grupo no Centro Cultural São Paulo. Publicou também *BaléRalé* em 2003, pela mesma editora. Organizou a Antologia *Os Cem Menores Contos Brasileiros do Século*, com cem escritores da nova geração contemporânea. Em 2006, publicou *Contos Negreiros*, livro vencedor na categoria contos do Prêmio Jabuti 2006. Neste livro retoma a questão do negro, em seus contos, que são cantos, lamentos que mostram como ressalta em uma das epígrafes escolhidas de Marcelo Yuka, “que todo camburão tem um pouco de navio negreiro.” O autor fala das violências urbanas, que perpassam o cotidiano, e os muitos sujeitos e situações de escravidão no cotidiano das cidades contemporâneas.

Violência é o carrão parar em cima do pé da gente e fechar a janela de vidro fumê e a gente nem ter a chance de ver a cara do palhaço de gravata para não perder a hora ele olha o tempo perdido no rolex dourado.

Violência é a gente naquele sol e o cara dentro do ar condicionado uma duas três horas quatro esperando uma melhor oportunidade de a gente enfiar o revólver na cara do cara plac.

Violência é ele ficar assustado porque a gente é negro ou porque a gente chega assim nervoso a ponto de bala cuspidando gritando que ele passe a carteira e passe o relógio enquanto as bocas buzizam desesperadas.

(...) Violência é você pensar que tudo deu certo e nada deu certo porque você vê um policial ali perto e outro policial ali perto querendo salvar o patrimônio do bacana apontando para nossa cabeça um 38 e outro 38 à paisana.

Violência é a acabarem com a nossa esperança de chegar lá no barraco e beijar as crianças e ligar a televisão e ver aquela mesma discussão ladrão que rouba ladrão a aprovação do mínimo ficou para a próxima semana. (FREIRE, 2005, p. 31-32).

Essas narrativas se entrecruzam pelo o que escrevem ou descrevem ou mesmo pelas relações entre esses escritores, através de coletâneas, antologias, etc. Por exemplo, tem o livro: *A Alegria: 14 ficções e 1 ensaio*, publicado em 2002, pela PubliFolha.

O tipo de escrita de autores como Marcelino Freire e outros da literatura contemporânea provoca uma revisão dos lugares consagrados para autores, leitores e críticos. A literatura se apresenta de fato como o “rumor da língua”, para lembrar da metáfora de Roland Barthes (2004), diante dos encarceramentos por ela criados e sedimentados pelas vivências sociais que a ritualizam e eternizam como verdades irrefutáveis. Exprime Marcelino Freire seu olhar nordestino sobre a cidade de São Paulo, onde vive:

Eu só tenho a minha inquietação. Meus contos para mim são cantos. Contos negreiros é um livro abolicionista... Sou filho de sertanejo, minha mãe batia panelas, adoro vexames, ladainhas, convivi num cenário em que as mulheres não se contêm, cheia de ladainhas....A paz fica bonita na televisão, é muito organizada, certinha, tadinha, ela é muito branca.“A cidade se organiza para salvar a pele de alguém...”. (FREIRE, 2006).

Marcelino Freire ao ser indagado sobre seu modo de escrever, disse: “eu não escrevo sobre violência, mas sob violência.” O livro *Angu de Sangue*, segundo o autor é um ANGU DE SANGUE, seja, um ANGU de ANGU, a violência atinge o autor, ela coagula-se em seu próprio processo de escritura, fazendo com que ele não esteja isento, separadas dos impasses e conflitos de sua época. Relata o autor: Eu “escrevo como quem bate panelas.” O romance sai “quando eu não consigo guardar mais aquilo...eu escrevo.” Antes eu anotava “mais perdia os caderninhos, eu joga tudo no caderninho.” É preciso escrever, pois para o autor a frase segue no pensamento ela fica ali, enquanto não é escrita, “a frase ainda (segue) está doendo, como numa casa de goteira”. Viver em São Paulo, em seus relatos é guardar certo deslocamento, “aperreio” diante dos “ ruídos das lembranças”. Estando em São Paulo, ele diz: “aqui sou nordestino”. Mas lá (Em Pernambuco) “Eu não sou de Recife, nem de Sertânia (sou um paulistano).” (FREIRE, 2009).

Enunciações pedestres: Rastros e Práticas Urbanas

A etnografia tem caminhando entre as ficções sociais para se configurar como leitura e texto das culturas ou de suas artes de fazer. Ela tenta captar rastros do vivido, entrelaça seus fios nas narrativas, entre a ficção, o verdadeiro, o falso, tal como a construção literária, que sendo em si uma trama, enovela a realidade espacial e temporal em seu avesso. As cidades aparecem nessas narrativas, como aponta Noll, como uma “geografia rarefeita.” (NOLL, 1990, p. 22).

Trabalho Apresentado na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 02 e 05 de Julho de 2012, em São Paulo, SP, Brasil.

São ficções inventadas, registros que buscam uma veracidade, mas que produzem recortes da cidade a partir, sobretudo, dos sentidos dados pelos personagens, por suas paixões, o preço delas, pelas imposições sociais e os conflitos diante dessas.

Em Simmel (1903) já sabemos que são muitas as adaptações da personalidade diante das grandes cidades e a vida que elas produzem. Os conteúdos individuais ganham uma reconfiguração impessoal, um desenraizamento que altera a condução da vida e da mentalidade do indivíduo. Nas ficções literárias vemos as configurações, trajetos dos personagens nas cidades e os impactos que elas causam em seus percursos e em suas experiências.

Estas ficções são urbanas, revelam experiências desgastadas, metáforas da impossibilidade de reconstituição identitária. Desvelam cidades de origem dos escritores, mas também cidades de suas memórias de infância, de passagens, cidades visitadas, cidades que são reconstruídas em seus projetos literários. São “cidades ácidas”, com cartografias de pouca densidade. Esboçam-se cartografias esmaecidas na memória, o alheamento e o extravio encarna-se no corpo e se estendem pela paisagem das cidades. Isso nos permite pensar a cidade a partir das práticas urbanas, tendo em vista as caminhadas e os rastros deixados pelas cidades, os trajetos, os encontros e experiências que a compõem.

Da literatura esboça-se também um método, pensar as cidades como experimentos das práticas urbanas, e em como as caminhadas por elas podem ser um fator de captura de seus movimentos como também a maneira para compreender seus sentidos e tramas. Podemos pensar aqui nas *Antropologia de las Calles* de Manuel Delgado, na *Antropologia na Cidade* de Michel Agier e em Michel de Certeau, quando aborda que é preciso acompanhar as sintaxes espaciais das cidades para entender suas cartografias, que se dão não apenas por traços e estruturas fixas, mas por “geografias narrativas”, falas, registros, passos, minúsculos movimentos difíceis de gerir. Traçar olhares antropológicos que privilegiem outros acessos à concepção de cidade, para além dos conceitos e planejamentos arquitetônicos, administrativos e políticos, mas a partir dos trajetos-corpos que a percorrem e das geografias de narrativas que a constituem como território, sobretudo do imaginário. Diante dessa literatura é possível pensar que existem marcas da experiência social atual, marcando o jogo de formas, de composições da narrativa, como as ações e os sentidos que perpassam as personagens. A cidade que se esboça é tecida pelos passos dos personagens, ela não o abriga, não o protege das adversidades. Esta surge como um “campo literário” aberto para as ciências sociais pensarem a vida social, como também uma inspiração para uma “etnografia ficcional” da contemporaneidade no avesso de seus signos e no limite de suas contingências.

Referências

- BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BONASSI, Fernando. *100 Histórias Colhidas na Rua*. São Paulo: Scritta, 1996.
- BONASSI, Fernando; CARONE, Modesto et al. *A Alegria: 14 ficções e 1 ensaio*. São Paulo: Publifolha, 2002.
- CARVALHO, Bernardo. Entrevista. In: Revista da Cultura. São Paulo, Edição 22, p.16-19, Maio de 2009.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Sombras da Cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea*. Ipotesi - Juiz de Fora -V.7 -n.2-pag 11-28- jul-dez-2003.
- FREIRE, Marcelino. *Angu de Sangue*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.
- _____. *Contos Negreiros*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Introdução. In: *História e Narração em Walter Benjamin*. 2ª. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.
- HARRISON, Marguerite Itamar. Introdução. In: HARRISON, Marguerite Itamar. *Uma Cidade em Camadas*. Ensaio sobre o romance Eles eram muitos cavalos de Luiz Ruffato. Vinhedo-SP: Editora Horizonte, 2007.
- LAJOLO, Marisa. Uma Paulicéia para lá de Desvairada. In: *Uma Cidade em Camadas: ensaios sobre o romance Eles eram muitos cavalos de Luiz Ruffato*. HARRISON, Marguerite Itamar (org). Editora Horizonte, 2007.
- MAFFESOLI, Michel. *Elogio da Razão Sensível*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- MAGALHÃES, Maria Flávia Armani. *João Gilberto Noll: um escritor em trânsito*. Dissertação. (Mestrado em Teoria Literária) – Programa de Pós-Graduação. Universidade Estadual de Campinas. Unicamp, 1993.
- NOLL, João Gilberto. *Hotel Atlântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989c.
- _____. *Rastros do Verão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.
- _____. *O Cego e a Bailarina*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1991
- _____. *Mínimos Múltiplos Comuns*. São Paulo: Francis, 2003.
- _____. *Lorde*. São Paulo: Francis, 2004.
- NOLL, João Gilberto. Entrevista com João Gilberto Noll: *Entrelivros*. Outubro, 2006.
- FÉRREZ. *Capão Pecado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- FERNANDES, Ronaldo Costa. Narrador, Cidade, Literatura. In: *O Imaginário da Cidade*. Rogério Lima; Ronaldo Costa Fernandes (Orgs). Brasília: Editora da Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.
- FREIRE, Marcelino. *Contos Negreiros*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Record, 2005.
- _____. *Angu de Sangue*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.
- FREIRE, Marcelino. O que é ser escritor no meu país? Marcelino Freire, Jorge Fernando dos Santos e Efraim Medina Reyes (Colômbia). Debatedor: Alécio Cunha. Fórum das Letras: Memória e Edição. 01 a 05 de novembro de 2006, Ouro Preto - MG.
- FOUCAULT, Michel. Linguagem e Literatura. In: MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- SOUSA FILHO, Alípio. Foucault: O Cuidado de Si e a liberdade ou a liberdade é uma agonística. In: *Cartografias de Foucault*. Durval Muniz de Albuquerque Jr, Alfredo Veiga-Neto, Alípio de Souza Filho (Organizadores). –Belo Horizonte: Autentica Editora, 2008.
- PARDO, Carmem Villarino. Eles eram muitos cavalos no (s) processo (s) de profissionalização de Luiz Ruffato. In: HARRISON, Marguerite Itamar (org). *Uma Cidade em Camadas*. Ensaio sobre o romance Eles eram muitos cavalos de Luiz Ruffato. Vinhedo-SP: Editora Horizonte, 2007.
- OTSUKA, Edu Teruki. *Marcas da Catástrofe: experiência urbana e indústria cultural em Rubem Fonseca, João Gilberto Noll e Chico Buarque*. São Paulo: Nankin Editorial, 2001.
- SILVA, Cristina Maria da. Rastros das Socialidades: conversações entre João Gilberto Noll e Luiz Ruffato. Tese (doutorado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas, 2009.
- Disponível em: <http://cutter.unicamp.br/document/?code=000444748>
- TERRON, Joca Reiners. *Hotel Hell*. Porto Alegre: Livros do Mal, 2003.
- _____. *Curvas de Rio Sujo*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

Internet:

- CARVALHO, Bernardo. O Filho da Mãe. Disponível em:
<http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=12743>. Acesso em: 09. Nov. 2011.
- CASTELLO, José. Clipagem. No Mínimo. 10 de Jun. 2003. Documento Disponível online.

Trabalho Apresentado na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 02 e 05 de Julho de 2012, em São Paulo, SP, Brasil.

Disponível em: <http://www.ranchocarne.org/ldm/clip_folhasp6.html>. Acesso em: 05. Jul.2006.

NOLL, João Gilberto. In: 'Lorde', a plástica espiritual de Noll. Entrevistado por Antonio Gonçalves Filho no *O Estado de São Paulo*, 17 de outubro. Disponível em: <http://w11.doutromundo.com/site/noticias.php?id=29>. Acesso em: 07. Out. 2005.

Informações sobre FÉRREZ. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia/poesia/index.cfm?fuseaction=Detalhe&CD_Verbete=5709>. Acesso em: 28 de Julho de 2006.

RUFFATO, Luiz. Bonassi e a Dimensão Política da Escrita. *O Globo*, Prosa & Verso, Rio de Janeiro, 21 de abril de 2006. Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/lruffatto6.html>. Acesso: 27. Fev. 2007.

SILVA, Maurício. Literatura Brasileira Contemporânea na pós-modernidade: a narrativa minimalista de Fernando Bonassi. XI SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA / I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA (SILEL), 2006, Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia. Anais do Silel. Uberlândia: 2006.

Disponível em: <<http://www.mel.ileel.ufu.br/Silel2006/caderno/resumo/MauricioSilva.htm>>

SIMMEL, Georg. As Grandes Cidades e Vida no Espírito. *Mana* 11 (2):577-591, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v11n2/27459.pdf>. Acesso em: 15/set/2011.

VARGAS LLOSA, Mário. Em Defesa do Romance. Edição 37, Questões Literárias, Outubro 2009. Disponível em: <<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-37/questoes-literarias/em-defesa-do-romance>>. Acesso em: Acesso em: 24. Abril. 2012.

Revista Agulha. Fernando Bonassi. Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/fbonassi.html>. Acesso: 17. Maio. 2006.

TERRON, Joca Reiners. Clipagem. Joca Reiners Terron arromba as portas do nefasto "Hotel Hell". Conversa com a Folha. Por Cassiano Elek Machado. Folha de São Paulo. 30 de Agosto de 2003. Disponível em: <http://www.ranchocarne.org/ldm/clip_folhasp6.html>.

RUFFATO, Luiz. Entrevista. Programa Encontros de Interrogação. Instituto Itaú Cultural 2004, sob a curadoria de Cláudio Daniel, Frederico Barbosa e Marcelino Freire. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=VzY_GsNT_YM&feature=relmfu>. Acesso em: 16. Maio. 2012.

RUFFATO, Luiz. Amores Expressos- Lisboa. 20. Jul. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=OEK-K4K2lvI>>. Acesso em: 26. Maio. 2012.

RUFFATO, Luiz. Entrevista exclusiva a Heloisa Buarque de Hollanda e Ana Lúcia Matos. Literatura como um projeto. Ano III, Número 1.10/03/2006. Disponível em: <http://www.pacc.ufrj.br/z/ano3/01/entrevista.htm>

Programas sobre Literatura na Tv :

RUFFATO, Luiz. Entrevista por Edney Silvestre. *Programa Espaço Aberto*. Globo News. 20. fev. 2009, 21h30.

FREIRE, Marcelino. Umas Palavras. Marcelino Freire. 20/11/2009. Bia Correa do Lago. TV Futura.

Trabalho Apresentado na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 02 e 05 de Julho de 2012, em São Paulo, SP, Brasil.